

EDITORIAL

Teorizações contemporâneas: descolonização como ponto de partida latino-americano

Fábio do Vale
Faculdade Insted

<https://orcid.org/0000-0001-8713-309X>

e-mail: professorfabioletras@gmail.com

Tenho discernido nos últimos anos a problemática artística crítico-subalterna que ainda assola a América Latina contemporânea. Encontramos mundialmente congressos, simpósios, seminários e encontros cujas apenas teorias tradicionais são lembradas e, sobretudo, potencializadas. O impasse não está nessa prática, mas na proposição de singularizar essa prática como soberania singular científico-cultural. Em 2021 muito honrado, coordenei com os professores: doutor Edgar César Nolasco (escritor, poeta, crítico cultural e docente titular na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Brasil), com a participação também do professor doutor Marcos Antônio Bessa-Oliveira (escritor, artista-plástico, crítico das artes e docente na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Brasil) uma tríade que conduziu o painel do **II Congresso Paraguayo de Lingüística Aplicada** com a mesa: *Estudios culturales comparados descoloniales: literatura, arte y lenguajes* um congresso em que as portas abertas comensuram o teor contemporâneo latino-americano por ancoragem descolonial, ou seja, criticidades amodernas por meio do modo de se (des)britanizar o desenvolvimento acadêmico na América Latina.

Fundada em 1889 ano em que o Brasil proclamava civicamente a República como diretriz governamental, a UNA – Universidade Nacional de Assunção acendia mais uma chama descolonial ao sul da nossa América Latina. O referido congresso pode comprovar essa posição – principalmente – por ter recebido diversos trabalhos latinos não recorrendo apenas mais aos grandes centros da nossa região como Buenos Aires, São Paulo, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Cidade do México, Santiago, Bogotá, Montevideu, Brasília e tantas outras capitais de maior população e com maiores estruturais. Isso se deu justamente pela capacidade que a Universidade de Assunção vem demonstrando internacionalmente. A relevância desse ponto de partida condecora a força acadêmica existente no Paraguai não apenas para produzir ciência e disseminar a cultura, mas também organizar, compartilhar e conduzir debates contemporâneos que são tão caros às comunidades cultural e acadêmica.

Por muitos anos, sobretudo no século XX com a potencialização da globalidade os países de posicionamento periférico tinham como plataforma da busca de excelência no exterior, majoritariamente no exterior. Essas comprovações se dão até os dias contemporâneos em muitas universidades latinas. Devo registrar que esse posicionamento não está objetivado na fala dos professores por decisão epistêmica, mas sim, por só poder se compartilhar aquilo que se sabe. Nesse preciso sentido, a ideia cartesiana de que as teorias dos grandes centros têm caído por terra para qualificação do restante do mundo se materializa. Vejamos que se os

teóricos eurocêntricos e estadunidenses utilizarem as compreensões de onde estão, estarão certamente utilizando o ponto de partida que os atravessa, que os circunda. Em criticidade prática – friso neste recorte – que não podemos importar a massa asfáltica produzida na Rússia para o Brasil porque os componentes dessa massa são dosados para suportar dias intensos de gelo.

A composição contemporânea acadêmica latina – com seu olhar desviante – descola-se dessas vicissitudes por claro procedimento teórico, não de promover teorias, mas sobretudo de promover teorizações, ou seja, (des)britanizar práticas singularmente estabelecidas das afamadas teorias prontas. É nesse cerne epistemológico que habitamos em ações organizacionais como o **II Congreso Paraguayo de Lingüística Aplicada** que pode ofertar aos vários acadêmicos, modos *outros*, ou seja, ações descoloniais de se pensar os referenciais das discussões acadêmicas bem como o que considerar para esse diálogo, como, por exemplo, suas questões de vida para, a partir de contexto trabalhar procedimentos amodernos, ou seja, descoloniais.

É muito justo e aplicável aqui discernirmos que a descolonização não anseia muito menos tenta apagar teorias ou descartar contribuições pretéritas. O fato é que o plano cartesiano existe, bem como a modernidade, porém esses não podem – quando queremos dar espaço às soluções de problemáticas contemporâneas – ser o nosso singular ponto de partida. Por isso tenho vislumbrado que não se pode mais falar sobre apenas, mas principalmente a partir da condição ao qual aquele objeto-corpo se situa. Quando então a enunciação desse indivíduo parte do local de sua fala o referencial muda, porque não se pode engendrar propriedade naquilo que não o atravessa. Por mais que me doa, me comova com o sofrimento daqueles que padecem do racismo, jamais poderei dialogar com profundidade uma resposta do que é passar por essa experiência sem ao menor ter condições reais de experienciar essa situação que não me atinge étnico-socialmente falando.

A descolonização trata, portando das perceptibilidades que pouco se aplicam como, por exemplo, credibilizar aquele não credibilizado. Ora, fala-se tanto do indígena, mas quantos que falam são deveras indígenas, gay, pretos, pobres, deficientes, ribeirinhos, refugiados, ou seja, quantos que discutem as minorias são deveras membros dessas minorias? A descolonização não dá voz a ninguém, aliás, essa condição não existe, ninguém dá voz a alguém, o que se faz é dar credibilidade a uma voz sem crédito, marginalizada por diversos motivos ou falsos-motivos. Entendemos que congressos contemporâneos não nos cabem mais para apenas discutir se a regra de acentuação de um respectivo idioma procede ou não.

Os congressos contemporâneos com essa visada já (des)britanizada, se quer chegaram à décima edição, enquanto aqueles que reciclam e revendem práticas tradicionais estão em seus centenários, meio século de serviços prestados às diversas sociedades. A metáfora, senhores(as) pesquisadores(as), é que a globalização nos ensinou que o motor de um fusca não move um caminhão. Dessa forma-maneira a descolonização não arrasta preceitos e conceitos ditos como corretos, mas endossa a premissa de que o caminho acadêmico deve promover a liberdade, incentivar a liberdade e existir por liberdade.

Será que ainda veremos – apenas – congressos sendo proferidos por vozes contemporâneas quando na verdade aquelas que produzem conhecimentos, lamúrias, criticidades hoje pouco são credibilizadas. (Re)visitar a história para sabermos o ponto de partida é necessário sempre em qualquer discussão epistemológica e cultural, porém devemos ter clareza de que os tempos são outros e nem tudo o que fora desenvolvido na época de Jesus Cristo – discursivamente – pode ser aplicado hoje, assim, ainda em exemplo, os textos que narram as submissões das mulheres naquela época. É preciso que o coleguismo acadêmico tenha a confraria de utilizar a régua da época para medição e apreciação dessas nomenclaturas,

pois se utilizarmos a régua contemporânea para mediação pretérita os desbravamentos cairão dos pedestais que a história mesmo os colocou.

Ter podido participar do **II Congreso Paraguayo de Lingüística Aplicada** em Assunção, cidade tão acolhedora de vastos cenários culturais é também uma resposta epistêmica de que precisamos buscar lá fora decências congressuais porque a América Latina não dá conta de promover cultura como o negacionista italiano Giovani Papini que tanto escanteou a nossa Pátria Grande. Que os louros desse congresso sejam compartilhados desmedida(mente) para o restante da América Latina e pontos mundiais interessados através da doce cortesia da descolonização, que não apaga, mas traz em sua efervescência acadêmica oportunidades da credibilidade produtiva assistida, consciente e, sobretudo, possibilitadora das necessidades que nos tomam na humanidade hodierna.